

# NA CIRANDA DOS SENTIDOS: A POLIFONIA DE LOCUTORES NO GÊNERO REPORTAGEM IMPRESSA

Francisco Vieira da SILVA<sup>75</sup>

Maria do Socorro Maia Fernandes BARBOSA<sup>76</sup>

**Resumo:** Esse artigo se propõe a analisar a polifonia de locutores no gênero reportagem impressa. Para isso, retomamos os pressupostos teóricos da Semântica Argumentativa, conforme postulada por Ducrot (1988) e colaboradores. Tomamos como corpus para análise cinco reportagens impressas publicadas na revista *Veja*. A análise de tais reportagens permitiu-nos evidenciar três modos de materialização da polifonia, a saber: i) estilo direto com ou sem verbo *dicendi*, com ou sem arrojado por autoridade; ii) estilo direto com verbo *dicendi* modalizador, com ou sem arrojado por autoridade; iii) aspas de diferenciação.

**Palavras-chave:** Polifonia de locutores. Reportagem impressa. Argumentação.

**Resumen:** *Este artículo busca analizar la polifonía de locutores en el género reportaje impresa. Para esto, retomamos los presupuestos teóricos de la semántica Argumentativa, de acuerdo con Ducrot (1988) y colaboradores. Tomamos como corpus para los análisis cinco reportajes impresos publicadas en la revista veja. La análisis de tales reportajes nos permitió evidenciar tres modos de materialización de la polifonía, a conocer: i) estilo directo con o sin verbo dicendi, con o sin defensa por autoridad; ii) estilo directo con verbo dicendi modalizador con o sin defensa por autoridad; iii) comillas de diferenciación.*

**Palabras–llave:** *Polifonía de locutores. Reportaje impresa. Argumentación.*

## Introdução

Uma máxima atribuída ao escritor britânico G. K. Chesterton prega que “as pessoas geralmente brigam porque não sabem argumentar”. Com efeito, seja para apaziguar os ânimos, seja para inflamá-los, o fato é que a argumentação está presente, em maior ou menor grau, nas diferentes instâncias que perpassam a atividade humana da comunicação. Com diferentes objetivos, estamos

---

<sup>75</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING). Membro do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI), UFPB, João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: [franciscovieirariacho@hotmail.com](mailto:franciscovieirariacho@hotmail.com).

<sup>76</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, RN, Brasil. E-mail: [socorromaia@uern.br](mailto:socorromaia@uern.br).

sempre tentando persuadir o outro acerca de nosso ponto de vista e, muitas vezes, sequer nos apercebemos. Assim, Nietzsche (2007) asseverava que ao mesmo tempo que o homem é constituído pela linguagem, ele é um efeito dela. Arriscamos transpor esse raciocínio para pensarmos a relação do sujeito por meio da argumentação, uma vez que esta é de fundamental importância na constituição do sujeito e na relação com o outro, concebendo a linguagem a partir de um viés dialógico.

Levando em consideração que a língua é constitutivamente argumentativa, conforme apontam os pressupostos teóricos de Oswald Ducrot e colaboradores, pretendemos neste texto descrever e analisar os marcadores da polifonia no gênero reportagem impressa, no intuito de investigar o funcionamento semântico-argumentativo desses marcadores no gênero em estudo. Para tanto, baseamo-nos teoricamente nos postulados ducrotianos a respeito da argumentatividade e no redimensionamento dessa noção proposto por Espíndola (2003), para quem não somente a língua é argumentativa por natureza, como também o uso que dela fazemos. A partir dessa ancoragem teórica, objetivamos perscrutar ainda o modo como o locutor responsável pela reportagem impressa se relaciona com os outros locutores, de modo a se engajar ou não com as vozes alheias.

Encontrando eco em trabalhos já desenvolvidos na área, a exemplo dos estudos de Nascimento (2005; 2012a), nos quais esse autor analisa o fenômeno da polifonia de locutores nos gêneros notícia jornalística e ata, na perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), tomamos como *corpus* para essa investigação 05 (cinco) reportagens veiculadas na edição impressa da revista *VEJA*, no ano de 2013<sup>77</sup>. Vislumbramos a possibilidade de estudarmos a polifonia de locutores, não prescindindo de levar em conta as especificidades do gênero reportagem, as quais, em alguma medida, incidem sobre a constituição semântico-argumentativa desse gênero.

Esse texto encontra-se estruturado em algumas seções, além desses comentários introdutórios, quais sejam: na seção a seguir, priorizamos discutir de forma breve acerca dos principais aspectos da TAL; após esse momento, centramos o foco no conceito de polifonia de locutores; posteriormente, tratamos de caracterizar o gênero reportagem impressa, situando-o no cerne do domínio discursivo jornalístico. Na seção seguinte, lançamos nosso olhar sobre o *corpus*, tomando como subsídio as teorizações anteriormente expressas para, na seção final, fazermos algumas considerações mais gerais sobre a análise realizada.

---

<sup>77</sup> A revista *VEJA* foi criada em 1968 e, atualmente, é publicada pela Editora Abril. Escolhemos essa revista pelo fato de ela ser a mais vendida do Brasil, “a única revista de informação no mundo a desfrutar de tal situação. Em outros países, revistas semanais de informação vendem bem, mas nenhuma é a mais vendida – esse posto geralmente fica com as revistas de tevê” (SCALZO, 2003, p.31).

## A Teoria da Argumentação na Língua

As teorizações de Ducrot e colaboradores (1988), na constituição da denominada Teoria da Argumentação na Língua (TAL), contrapõem-se de modo fulcral à concepção tradicional do sentido. Para esses pensadores, normalmente se consideram três indicações do sentido no enunciado: as indicações objetivas, subjetivas e intersubjetivas. As objetivas descrevem a realidade, as subjetivas, por sua vez, denotam a atitude do locutor ante a realidade descrita, e as intersubjetivas englobam as relações do locutor com aqueles para quem endereça seu dizer. As divergências de Ducrot no que concerne a essa concepção de sentido dizem respeito ao fato de aquele autor acreditar que “a linguagem ordinária não possui uma parte objetiva, tampouco os enunciados descrevem a realidade” (NASCIMENTO, 2012b, p.53).

Assim, Ducrot (1988) postula que, se há a possibilidade de a língua ordinária descrever a realidade, isso ocorre por meio dos elementos subjetivos e intersubjetivos, os quais ele denomina de valor argumentativo. Esse valor argumentativo está atrelado à orientação que o enunciado dá ao discurso. A ideia de sentido em Ducrot liga-se inextricavelmente à direção. Noutras palavras, a argumentação não recobre apenas a significação, mas, sobretudo, a direção que um dado enunciado imprime ao discurso.

É relevante definir alguns termos utilizados amiúde em diferentes vertentes linguísticas e que, na ótica da TAL, apresentam uma conotação específica. Trata-se das noções de frase, enunciado, língua e discurso. Nessa perspectiva teórica, a frase é concebida como uma abstração que permite a consecução do enunciado. Segundo Ducrot (1988, p.65): “El enunciado es la realidad empírica, observable, y la frase es la entidad teórica, lingüística, contruida por el lingüista”. Esse autor compreende a língua como um conjunto de frases, ao passo que o discurso é visto como uma sucessão de enunciados.

A TAL tem passado por (re)configurações constantes, em consonância com a não-fixidez do próprio conhecimento científico, confirmando o pensamento de Barthes (1978, p.27), segundo o qual “as ciências não são eternas”, o que explica, portanto, as diferentes fases que essa teoria apresenta: *Descritivismo Radical*, *Descritivismo Pressuposicional*, *Argumentação como Constituinte da Significação*, *Argumentatividade Radical* e, mais recentemente, presenciamos o despontar do atual momento da TAL, corporificado na *Teoria dos Blocos Semânticos*. Não nos interessa historicizar de modo exaustivo cada uma dessas fases, mas antes considerar, ainda que sumariamente, a natureza fluida e cambiante da TAL em seu desenvolvimento epistemológico ao longo do tempo. No entanto, de maneira bem sumária, é possível reconhecer que estas fases caracterizam-se por um movimento em que ora se não se considera uma relação direta entre língua e argumentação, na fase do *Descritivismo Radical*, na qual, segundo Anscombe e Ducrot (1994), as

contribuições da língua à argumentação não eram propriamente argumentativa, pois se encontravam ainda no nível da descrição dos fatos, até a fase da *Argumentatividade Radical* em que se considera o par língua e argumentação como indissociável.

O sentido do enunciado em Ducrot, conforme defende Nascimento (2009), está relacionado com a noção de polifonia – concebida como as diferentes vozes mobilizadas pelo locutor que marcam a enunciação e que se materializam discursivamente por meio de diferentes estratégias. Essa noção se enxerta no seio de outros marcadores que ativam a argumentatividade na língua, como os operadores argumentativos, os modificadores, os modalizadores, a pressuposição, dentre outros.

### **A noção de polifonia**

O conceito de polifonia advém das análises de Bakhtin (2002), a partir do exame da obra de Doistoévski. Ao estudar tal obra, esse teórico russo distingue dois tipos de literatura: a dogmática e a polifônica. Enquanto na primeira prevalece apenas a voz do autor, a despeito de existir vários personagens, na segunda, diversas vozes entram em contato, e a voz do autor se apresenta como uma delas, não havendo, pois, a emergência de uma voz que controle as demais, como na literatura dogmática. Nesse sentido, o termo polifonia, proveniente do universo musical, expressa a multiplicidade de vozes existente nos discursos. No caso da literatura polifônica, “todos os elementos de sua estrutura são determinados pela tarefa de construir um mundo polifônico e um herói cuja voz se estrutura do mesmo modo [...] que a voz do autor do romance” (BRAIT, 2009, p.55).

A inserção da noção de polifonia no âmbito dos estudos linguísticos deve-se, principalmente, ao fato de Ducrot (1988, p.16) entender que “el autor de un enunciado no se expresa nunca directamente, sino que pone en escena en mismo enunciado un cierto numero de personajes”. Com isso, Ducrot desfaz a ideia de uma pretensa unicidade do sujeito falante, segundo a qual num enunciado encontramos somente uma única voz. Para tanto, Esse autor categoriza o sujeito em três dimensões: o *sujeito empírico*, o *locutor* e o *enunciador*.

O sujeito empírico (SE), conforme postula Ducrot (1988), refere-se ao autor efetivo, produtor do enunciado; o locutor (L) é concebido como aquele que se responsabiliza pelo dito, já o enunciador (E) abrange os diferentes pontos de vista apresentados num enunciado. Refletindo sobre essa classificação, Silva (2012, p.51) esclarece que “o próprio locutor pode representar um desses pontos de vista, embora mantenha uma certa distância em relação a eles”.

Ducrot identifica duas formas de polifonia: a polifonia de locutores e a de enunciadores. Como nosso foco centrar-se-á sobre esta última, descreveremos em seguida os modos através dos

quais esse tipo de polifonia se materializa. A polifonia de locutores ocorre no discurso relatado, corporificando-se por meio das aspas, citações, referências, argumentação por autoridade, dentre outros modos. Essa possibilidade de aparecer múltiplas vozes

permite não somente dar a conhecer o discurso atribuído a alguém como também produz um eco imitativo, ou ainda organizar um teatro no interior da própria fala, ou que alguém se torne porta-voz de um outro e empregue, no mesmo discurso, *eus* que remetem tanto ao porta-voz quanto à pessoal da qual é porta-voz (NASCIMENTO, 2009, p.23-24, grifo do autor).

No caso do discurso relatado, a língua oferece uma série de recursos gráficos que o realça, tais como: *dois pontos, travessão, aspas, verbos dicendi*, como podemos notar no excerto a seguir, oriundo do *corpus* sobre o qual lançaremos nosso olhar.

Excerto 1: Casada há quinze anos, a advogada *Letícia Queiroz* de Andrade, 39, teve certeza de que não teria filhos quando, com um mestrado recém-concluído, viu a chance de engatar um doutorado. Ela tinha 34 anos. “Era ser mãe ou mergulhar fundo no meu Ph.D. Fiquei com a segunda opção”, *conta* Letícia, que é hoje professora universitária e sócia de um dos maiores escritórios de advocacia do país, em São Paulo (VEJA, 2013, ed.2323 p.114, grifos nossos).

Nesse excerto, é possível identificar dois locutores: L1 – jornalista autor da reportagem, em terceira pessoa e L2 – voz do sujeito que depôs para a reportagem, em primeira pessoa. A inserção desse discurso segundo está marcada pelo verbo *dicendi* contar e pelas aspas. Estas últimas, de acordo com Authier-Revuz (2004), são designadas pela intenção do locutor de suspender a responsabilidade pelo dito, isentando-se de sanções futuras. Assim, nesse excerto, o discurso de L2 está no estilo direto, o que pressupõe certo distanciamento de L1 no tocante ao discurso relatado. O estilo indireto implica um envolvimento maior com a voz alheia. Para Nascimento (2009, p.27): “[...] trata-se de uma questão de maior ou menor comprometimento, já que no estilo indireto há uma assimilação e, no direto, um distanciamento das palavras do outro.”

A argumentação por autoridade possui basicamente duas facetas, de acordo com Ducrot (1987), quais sejam: a autoridade polifônica e arrojado por autoridade. Interessa-nos esta última, uma vez que ela se relaciona com a polifonia de locutores. Nesse caso, o locutor responsável pelo dito (L1) traz para seu discurso a voz de um outro locutor (L2), com a qual estabelece uma relação de identificação. Essa voz de autoridade legitima a argumentação de L1. Na escrita jornalística, essa prática é bastante comum, tendo em vista que o locutor precisa imprimir certa confiabilidade ao seu dizer. O excerto abaixo transcrito, proveniente do *corpus* desse trabalho, ilustra o que estamos afirmando.

Excerto 2: “Direta ou indiretamente, a [vitamina] D está relacionada a pelo menos 2000 genes, o que comprova a sua vasta gama de benefícios”, disse a VEJA o endocrinologista americano Michael Holick, professor da Universidade de Boston, o grande pesquisador do assunto e autor do livro *Vitamina D – Como um Tratamento Tão Simples Pode Reverter Doenças Tão Importantes*. (VEJA, 2013, ed.2304, p.66, grifo nosso)

Para referendar o seu ponto de vista, L1, autor da reportagem, cujo tema trata dos benefícios da vitamina D, traz para o seu discurso a voz de uma autoridade que se encontra identificada pelas credenciais acadêmicas (publicação na área, universidade na qual leciona). A autoridade mobilizada por L1 é de substancial importância no sentido de legitimar o seu dizer, uma vez que se trata da voz de um especialista na área. O arrojado por autoridade, para que possa constituir-se como tal, necessita vir indicado, de algum modo, no discurso do locutor responsável pelo dito (NASCIMENTO, 2005). Não basta somente o sujeito ser reconhecido socialmente como uma autoridade, é necessário que o locutor responsável assim o identifique.

Um último aspecto a ser discutido nessa seção diz respeito aos verbos *dicendi*, os quais são responsáveis pela introdução das vozes alheias. Tais verbos podem se comportar discursivamente como modalizadores (NASCIMENTO, 2005). Seguindo a classificação proposta por esse autor, os verbos *dicendi* são agrupados em duas categorias: os verbos *dicendi* não-modalizadores e os verbos *dicendi* modalizadores. Os primeiros são verbos que apresentam o discurso de L2, sem deixar marcas de avaliação daquele que o introduz (L1), a exemplo dos verbos *perguntar*, *dizer*, dentre outros. Já os modalizadores, ao mesmo tempo em que inserem o discurso de L2, indicam uma avaliação, uma orientação conferida por L1, tais como *explicar*, *confirmar*, entre outros.

### **Sobre o gênero reportagem impressa**

Objetivamos nesta seção tecer alguns comentários acerca do gênero reportagem impressa, considerando a noção de gênero do discurso de Bakhtin (2000). Para esse autor, os gêneros apresentam três critérios que os definem: conteúdo temático, estilo e estrutura composicional. Em seguida, tangenciaremos o gênero em estudo com tais critérios, mas antes achamos conveniente relacioná-lo com o domínio jornalístico do qual ele provém.

Em primeiro lugar, é necessário situar a reportagem no âmbito dos gêneros jornalísticos, incluindo aí as idiosincrasias que os caracterizam. Nesse sentido, atentamos para o fato de as linhas divisoras que separam um gênero jornalístico de outro serem evanescentes, o que explica a profusão de gêneros híbridos e, em alguns casos, indefiníveis, inclassificáveis, pois apresentam propriedades inerentes a outros gêneros. Sobre essa questão, convocamos Bawarshi e Reiff (2013, p.18) que, ao resenharem o estudo de Bonini (2009) acerca dos gêneros notícia e reportagem veiculados no

*Jornal do Brasil*, afirmam: “as fronteiras entre esses gêneros jornalísticos são confusas, havendo sobreposição de movimentos retóricos”. Entendemos que a natureza miscigenada de tais gêneros advém da multiplicidade que circunda a práxis jornalística, profundamente ligada ao desejo de separar nitidamente a informação da opinião. Essa tentativa, muitas vezes frustrante, esbarra na instabilidade da linguagem, a qual, em alguns momentos, reluta a classificações; assim “não podemos definir a linguagem em sua totalidade dentro da perspectiva categorizadora, pois o novo não é categorizável” (BONINI, 2008, p.57).

No caso das reportagens que compõem o *corpus* desse trabalho, acreditamos que esse gênero apresenta-se na sua forma mais prototípica, pois se trata de reportagens de capa. As próprias capas, por seu turno, cumprem um papel comunicativo e um modelo mais ou menos estável de produção que entrelaça o verbal e o imagético (PEREIRA, 2013). Desse modo, as reportagens de capa ganham um destaque em relação aos outros gêneros presentes na revista. Em síntese, esse gênero tem como conteúdo temático, em sintonia com os critérios bakhtinianos já arrolados, “o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (MELO, 2003, p.66).

Na revista VEJA, tal conteúdo pode se referir tanto a acontecimentos marcantes que reverberaram no decorrer da semana (com ênfase nos fatos políticos), quanto a assuntos de interesse mais geral concernentes à saúde, às tecnologias, ao emprego, ao comportamento, dentre outros. Geralmente, as reportagens de capa de VEJA ocupam de oito a dez páginas da publicação e se encontram numa relação de homologia com as imagens da capa. Assim, na edição 2315 (maio de 2013), por exemplo, a capa traz um executivo com um avental, como se estivesse defronte a uma pia de louça suja. Com uma esponja na mão, o pretense executivo apresenta um semblante desolador frente à tarefa doméstica que o aguarda e o assusta. A reportagem de capa trata das novas legislações trabalhistas das empregadas domésticas no país e a imagem vem corroborar os efeitos de sentido que a revista imprime sobre o tema, qual seja: o desamparo dos patrões em face das exigências da legislação no que se refere, principalmente, às consequências que isso implica no orçamento familiar.

A questão do estilo em Bakhtin é o aspecto mais suscetível à mutabilidade: é a um só tempo a expressão da relação discursiva típica do gênero e a expressão pessoal do autor no âmbito do gênero (SOBRAL, 2009). No tocante à reportagem, o estilo pode atrelar-se a algumas peculiaridades presentes nesse gênero como, por exemplo, uma pretensa “objetividade” no relato dos fatos, a recorrência a outras vozes, uma certa predominância da forma narrativa (SODRÉ e FERRARI, 1986), além do uso recorrente do argumento de autoridade, conforme delinearemos posteriormente na análise das reportagens de VEJA.

Em relação à estrutura composicional, entendemos que a reportagem não possui uma estrutura fixa identificável, não se trata de um gênero formulaico, mas podemos entrever determinadas regularidades no que se refere à abertura da reportagem, uma vez que “se destina basicamente a chamar a atenção do leitor e conquistá-lo para a leitura do texto” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.67). Antes da abertura, as reportagens impressas de VEJA apresentam uma espécie de texto-síntese que contém a informação principal a ser esmiuçada no decorrer do texto. Destaca-se ainda a ampla utilização de imagens, boxes informativos, infográficos e tabelas, os quais, em alguns casos, didatizam visualmente os conceitos discutidos ao longo da reportagem.

### A polifonia na reportagem impressa

Conforme já explicitamos anteriormente, nosso *corpus* é formado por cinco reportagens impressas veiculadas na revista VEJA, no ano de 2013. Escolhemos aleatoriamente esse número de reportagens dentre as edições da VEJA publicadas nesse período, de modo que não nos interessou evidenciar uma unidade temática para as reportagens coletadas ou quaisquer regularidades que as tornassem aparentemente homogêneas. Os temas abordados por essas reportagens e a extensão de cada uma delas encontram-se explicitados no quadro abaixo:

<i>Título da reportagem de capa</i>	<i>Nº de páginas</i>
<i>2013 previsões (ed.2302)</i>	<i>10</i>
<i>D – O que você não sabe sobre a vitamina do sol (ed.2304)</i>	<i>10</i>
<i>Você amanhã (ed.2315)</i>	<i>08</i>
<i>A escolha de Angelina (ed.2322)</i>	<i>10</i>
<i>Filhos? Não, obrigada! (ed.2323)</i>	<i>08</i>

Diante desse *corpus*, constatamos a recorrência da polifonia de locutores marcada por algumas formas, as quais discutidas a seguir. Embora este estudo seja de natureza eminentemente qualitativa, consideramos conveniente quantificar as formas através das quais a polifonia de locutores se efetua, com o intuito de especificar o efeito de sentido que emerge dessas construções, além de cotejá-lo com as especificidades do gênero. O quadro a seguir sumariza os modos de aparição da polifonia na reportagem e a ocorrência com que aparecem no *corpus*. Posteriormente, descreveremos, através de excertos, cada um desses modos de apropriação das vozes alheias.



Modos de materialização da polifonia de locutores na reportagem impressa	Ocorrência
Estilo direto com ou sem verbo <i>dicendi</i> não-modalizador, com ou sem arrojado por autoridade	37
Estilo direto com verbo <i>dicendi</i> modalizador, com ou sem arrojado de autoridade	23
Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> (não)modalizador, com ou sem arrojado de autoridade	0
Aspas de diferenciação	09

Diante dos dados presentes no quadro acima, podemos depreender que, nas reportagens coletadas para esse trabalho, a polifonia de locutores se manifesta, principalmente, por meio do estilo direto, mais precisamente através da utilização de verbos *dicendi*, ou mesmo sem a aparição desse verbo introdutor. Os excertos a seguir ilustram o que estamos afirmando:

Excerto 3: A corretora de imóveis Érica Miranda, 39 anos, teve vários relacionamentos sérios, mas não encontrou ninguém que imaginasse no papel de pai, e foi empurrando a maternidade. Até que ela própria deixou de ser como mãe. “Minha vida está completamente preenchida sem filhos. Sinto que o momento passou”, diz a mineira, que hoje vive imersa em uma rotina de trabalho sem horário fixo no Rio de Janeiro. (VEJA, 2013, ed. 2323, p.119, grifo nosso)

Excerto 4: “A relação empregada-patroa, que mistura exploração e solidariedade, tem origem no período da escravidão, quando a senhora da casa não tinha outra função que não a de acompanhar o serviço da cozinha e passava o dia ao lado das escravas e dos seus filhos”, diz a historiadora Mary del Priore. (VEJA, 2013, ed. 2315, p.77, grifo nosso)

Em ambos os excertos anteriormente expressos, observamos a presença de dois locutores: o L1 (responsável pelos discursos) e L2 (Érica Miranda e Mary del Priore), evidenciando, desse modo, a presença dos personagens mobilizados pelo locutor na constituição de um enunciado (DUCROT, 1988). Na introdução dos discursos de L2, verificamos a presença do verbo *dicendi* dizer. Esse verbo, conforme explicitamos, não é modalizador, ou seja, o locutor, ao utilizá-lo, não emite nenhum tipo de valor subjetivo. Dessa maneira, o relato em estilo direto pressupõe certo distanciamento do locutor responsável pelo dito em relação ao discurso de L2.

É preciso registrar ainda a recorrência do arrojado por autoridade, presente no quarto excerto, o qual reitera a argumentatividade de L1, ao trazer para seu discurso a voz de um especialista no assunto (historiador) para dissertar, do ponto de vista histórico, acerca dos novos desdobramentos provenientes das recentes legislações trabalhistas das empregadas domésticas. Na escrita jornalística, a utilização do arrojado por autoridade é uma constante, tendo em vista que esse campo precisa construir uma imagem de credibilidade frente ao público.

Já nos excertos a seguir, a introdução dos discursos alheios se dá por meio de verbos *dicendi* modalizadores, a partir dos quais o locutor expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, “avaliando seu teor de verdade ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo” (CASTILHO e CASTILHO, 2002, p.201). No caso dos verbos que inserem as vozes alheias nas reportagens estudadas, entendemos que o locutor responsável pelo enunciado como um todo avalia o discurso de L2 e, ao mesmo tempo, instaura determinado efeito de sentido que poderá funcionar como um protocolo de leitura, de modo a indicar como esse discurso deve ser lido/entendido. Vejamos os excertos abaixo:

Excerto 5: Ela suspendeu o tratamento, a carreira se deslanchou e o casamento só se fortaleceu. Não foi fácil. Todos os seus sete irmãos têm filhos – e ela, dezenove sobrinhos. “Naquele tempo, era mais dura a decisão de não ter filhos”, *lembra* a atriz. (VEJA, 2013, p.116, ed. 2323, grifo nosso)

Excerto 6: “Me sinto bem na função de tia. As crianças me adoram”, *gaba-se*. (VEJA, 2013, ed. 2323, p.118, grifo nosso)

Excerto 7: Segundo no ranking mundial das neoplasias mais incidentes, o câncer de mama é, sem dúvida, o mais estudado – e “está entre os mais curáveis”, *lembra* Paulo Hoff, oncologista do Hospital Sírio Libanês, em São Paulo. (VEJA, 2013, ed.2322, p.96, grifo nosso)

Excerto 8: “Como a vitamina D é solúvel na gordura, ela é armazenada no tecido adiposo e liberada mesmo durante o inverno, permitindo níveis suficientes de vitamina durante o ano todo”, *afirma* Michael Hollick. (VEJA, 2013, ed. 2304, p.69, grifo nosso)

Os verbos *dicendi* responsáveis pela inserção das vozes alheias nos excertos citados trazem avaliações por parte de L1 em relação aos discursos de L2. Acreditamos que se trata de verbos modalizadores, concebendo o fenômeno da modalização como “um ato de fala particular que permite ao locutor, além de deixar marcas de suas intenções, agir em função do seu interlocutor” (NASCIMENTO e SILVA, 2012, p.63).

No caso dos excertos cinco e sete, observamos que L1 se distancia do discurso de L2, devido à utilização o estilo direto, deixando registrado, a partir do verbo *lembrar* como o relato de L2 deve ser lido. No excerto três, L1, responsável pelo enunciado, lança mão do verbo *dicendi gabar*, a fim de introduzir o discurso de L2, denotando certa avaliação em relação a esse discurso. No último excerto, temos uma modalização epistêmica asseverativa, uma vez que o verbo introdutor *afirmar* exprime a noção de certeza. Esse não-engajamento de L1 com o discurso de L2 perpassa de modo efusivo os enunciados presentes nas reportagens analisadas, o que explica, por exemplo, a inexistência do discurso indireto que, em tese, indicaria um engajamento maior por parte de L1.

Nos excertos abaixo transcritos, notamos a presença das aspas de diferenciação. Atentamos para o funcionamento semântico-argumentativo desse recurso na reportagem.

Excerto 9: No caso de proliferação exagerada das células, ela induziria à apoptose – mecanismo de defesa no qual células potencialmente malignas “cometem suicídio”. (VEJA, 2013, ed.2322, p.74)

Excerto 10: Assim, dizer que Maria “é como se fosse da família” pode ser uma verdade em termos sentimentais, mas pode também ser uma crença que resulta no escamoteamento de obrigações empregatícias. (VEJA, 2013, ed.2315, p.79)

Excerto 11: A história já provou que leis que aterrisam no vácuo não “pegam.” (VEJA, 2013, ed.2315, p.81)

Excerto 12: Ocorre que “esse sistema de bondades” esconde problemas. (VEJA, 2013, ed.2315, p.79)

As aspas põem o locutor em posição de juiz e de dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza (AUTHIER-REVUZ, 2004). Com efeito, quando o locutor lança mão das aspas de diferenciação, ele imputa a responsabilidade do dizer a um outro locutor, de maneira a isentar-se daquilo que enuncia. Nos excertos citados, o locutor utiliza as aspas de diferenciação com diferentes asserções: no excerto nove as aspas exercem a função de vulgarizar um dado conhecimento científico, aproximando do senso comum; no excerto seguinte, o trecho destacado por aspas circunscreve um lugar comum, uma crença; em “pegam”, as aspas estão relacionadas a um sentido figurativo do verbo e, por fim, na última ocorrência, o uso das aspas exprime uma ironia.

Ao relacionarmos o funcionamento dos marcadores da polifonia com as temáticas das reportagens analisadas, obtivemos os seguintes dados, de acordo com que se observa no quadro abaixo expresso:

Temática-título da reportagem	Estilo direto com ou sem verbo não-modalizador	Estilo direto com verbo modalizador	Aspas de diferenciação
<i>2013 previsões (ed.2302)</i>	07	04	02
<i>D – O que você não sabe sobre a vitamina do sol (ed.2304)</i>	08	04	02
<i>Você amanhã (ed.2315)</i>	08	06	04
<i>A escolha de Angelina (ed.2322)</i>	07	04	—
<i>Filhos? Não, obrigada! (ed.2323)</i>	07	05	01

A associação entre os modos de materialização da polifonia de locutores e a temáticas das reportagens evidencia uma equidade do ponto de vista quantitativo, o que assinala o fato de o funcionamento dos marcadores da polifonia não está vinculado ao conteúdo da reportagem, mas ao gênero em si, considerado no âmbito da esfera jornalística e das especificidades que a caracterizam. Nesse sentido, a mobilização de vozes alheias e a forma através da qual o locutor responsável pelo dito relaciona-se com elas no esteio da reportagem independe do tema que está sendo tratado.

## Considerações Finais

Traçamos como objetivo para este texto analisar os marcadores da polifonia de locutores no gênero reportagem impressa. Para tanto, pautamo-nos na perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), conforme postulada por Ducrot (1988) e colaboradores. Segundo esses autores, a língua é constitutivamente argumentativa, de modo que na sua estrutura subsistem determinados elementos os quais ativam essa característica que lhe é intrínseca (BARBISAN, 2013). Dentre esses elementos, tomamos a polifonia de locutores como objeto de análise no gênero reportagem impressa, por acreditarmos que a recorrência às vozes alheias é uma das principais especificidades no exercício da escrita jornalística.

A análise das reportagens permitiu-nos evidenciar três modos de materialização da polifonia, a saber: i) estilo direto com ou sem verbo *dicendi*, com ou sem arrozoado por autoridade; ii) estilo direto com verbo *dicendi* modalizador, com ou sem arrozoado por autoridade; iii) aspas de diferenciação. Esses modos marcam a polifonia de locutores no gênero estudado e delineiam um não-engajamento por parte do sujeito responsável pelo enunciado como um todo, tendo em vista a predominância do estilo direto, bem como a inexistência do estilo indireto, o qual, poderia incitar, em maior ou menor grau, um engajamento de L1 com o discurso relatado.

Esse distanciamento do locutor responsável pelo dito no gênero reportagem pode vincular-se a tão propalada objetividade dos textos jornalísticos, e de maneira particular da reportagem (SODRÉ e FERRARI, 1986), que prevê (ilusoriamente!) o apagamento das marcas de subjetividade. De qualquer modo, os reflexos do fazer jornalístico incidem sensivelmente sobre os gêneros produzidos no âmbito desse campo. O estudo de Nascimento (2005) acerca do gênero notícia, por exemplo, corrobora o que estamos afirmando, na medida em que constatou que as estratégias de não-engajamento sobressaem-se sobre as de engajamento, em função da necessidade de criação e manutenção da imagem de neutralidade/objetividade do texto jornalístico.<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> Numa incursão nos *sites* de busca da *web*, não foi possível localizar trabalhos que estudassem a polifonia de locutores no gênero reportagem. O estudo que mais se assemelha a este, no sentido de tomar como *corpus* um gênero presente na revista VEJA e pautar-se nos pressupostos teóricos de Ducrot é o

No entanto, cabe ressaltar o funcionamento dos verbos *dicendi* utilizados no discurso direto, o que denota, à primeira vista, uma objetividade por parte de L1. Todavia, se considerarmos que estes verbos também exprimem certa subjetividade do sujeito responsável pelo dito, pois ele não escolhe qualquer verbo e não utiliza despretensiosamente, é possível relativizar o não-engajamento proclamado no parágrafo anterior.

Ademais, reiteramos a recorrência do arrojado por autoridade nas reportagens analisadas, o que assinala a atividade jornalística enquanto uma instância que se caracteriza na incessante busca de garantir a credibilidade (NAVARRO, 2010). Assim, construir uma imagem crível junto ao público redundava em lançar mão de vozes de especialistas em diferentes áreas, as quais são responsáveis por legitimar o discurso da reportagem. Quando o locutor que assume a responsabilidade pelo dito recorre a uma voz de autoridade, ele o faz, com vistas a endossar a argumentatividade do seu dizer. Essas vozes especializadas, constantemente retomadas pelo locutor da reportagem, atrelam-se de modo intrínseco ao conhecimento científico, de modo a notabilizar o laço incestuoso existente entre a ciência e a mídia, tendo em vista que a primeira confere seriedade e atualidade à segunda (TUCHERMAN e CAVALCANTI, 2013).

É necessário ressaltar que outras pesquisas, com um *corpus* mais amplo, incluindo aí as variações referentes ao suporte, veículo, perfil dos leitores, dentre outras, poderão subsidiar conclusões distintas destas aqui dispostas, acenando para outras possibilidades de caracterizarmos a reportagem, a partir da análise e descrição dos marcadores da polifonia de locutores, concebendo esta última como constitutiva da língua, em conformidade com os pressupostos de Ducrot (1988), segundo os quais a língua é eminentemente argumentativa, porque na sua própria estrutura contém marcas que ativam, em alguma medida, a argumentação.

## Referências

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. **La argumentación en la lengua**. Versión española de Julia Sevilla e Marta Tordesilhas. Madrid: Editora Gredos, 1994.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: estudo enunciativo do sentido. Trad. Leci B. Barbisan e Valdir N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. M. E. G. Gomes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

---

trabalho de Mack (2011), na medida em que investiga a construção do *ethos* em ensaios publicados na VEJA, tomando como aparato teórico, além da TAL, as reflexões de Maingueneau e Amossy.

- BARBISAN, L. B. Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N. \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BARTHES, R. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BAWARSHI, A.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Trad. Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.
- BRAIT, B. Problemas da Poética de Dostoiévski e estudos da linguagem. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Polifonia y Argumnetación: Conferencias Del Seminario Teoría de la Argumentación y Analisis Del Discurso**. Cali: Universidad Del Valle, 1988.
- ESPÍNDOLA, L. O gênero charge: leitura e ensino. Texto da comunicação apresentada no V Encontro sobre Mídia, Educação e Leitura no IV COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Campinas-SP: ALB/UNICAMP, 22 a 25 de julho de 2003. (2003) (Mimeografado)
- MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- NASCIMENTO, E. P. **Jogando com as vozes do outro: a polifonia – recurso modalizador – na notícia jornalística**. 239 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Jogando com as vozes do outro: a argumentação na notícia jornalística**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009.
- \_\_\_\_\_. A polifonia de locutores no gênero ata: estratégia semântico-argumentativa, **Desenredo**, Passo Fundo, v.8, n.2, jul./dez.2012a. p.112-130. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/2918>. Acesso em 21. nov. 2013.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais, argumentação e ensino. In: PEREIRA, R. C. M. (Org.). **A didatização de gêneros no contexto de formação continuada em EAD**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012b.
- \_\_\_\_\_; SILVA, J. M. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **A argumentação na redação comercial e oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.
- NAVARRO, P. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- NIETZSCHE, F. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. 4. ed. Trad. P. Süsskind. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

PEREIRA, T. M. A. **O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático**: o corpo em cena nas capas da revista Veja. 203 f. 2013. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2013.

REVISTA VEJA. São Paulo: Abril. Ano 46, nº1, 2013.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Abril. Ano 46, nº 3, 2013.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Abril. Ano 46, nº14, 2013.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Abril. Ano 46, nº21, 2013.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Abril. Ano 46, nº22, 2013.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOBRAL, A. Estética da criação verbal. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SILVA, M. A. Argumentação e polifonia na língua. In: NASCIMENTO, E. P. (Org.). **A argumentação na redação comercial e oficial**: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

TUCHERMAN, I.; CAVALCANTI, C. Apostando nos riscos: como a Veja apresenta o nosso futuro, **Contracampo**, Niterói, v.26, n.1, abril/2013. p.5-20. Disponível em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/271>. Acesso em 12. dez. 2013.